

# Aula 3

## A expansão do islamismo na África

*Andrea Marzano*

## Meta da aula

Analisar os diferentes processos de expansão do islamismo no continente africano.

## Objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as ideias de islamização da África e de africanização do Islã;
2. diferenciar islamização e arabização;
3. identificar os diferentes processos de expansão do islamismo no continente africano.

## INTRODUÇÃO

Como vimos na primeira aula desta disciplina, diferentes religiões fazem-se presentes, hoje, no continente africano, com destaque para o islamismo, as religiões ditas tradicionais ou animistas (ver verbete na Aula 1), o catolicismo e outras variadas designações cristãs. A vivência religiosa dos africanos é frequentemente caracterizada pela mistura de elementos de diferentes religiões, havendo, por exemplo, católicos que recorrem a autoridades religiosas tradicionais, como os quimbandas (“curandeiros”) de algumas regiões de Angola. No que diz respeito ao islamismo, sabe-se que é a religião que tem mais adeptos na África, concentrando-se especialmente no norte, nas savanas ocidentais e na costa oriental.

A expansão inicial do islamismo esteve estreitamente relacionada, no norte, ao surgimento de unidades políticas inspiradas no mundo árabe, como **emirados e califados**. Ao sul do Saara, nas costas ocidental e oriental, o principal vetor do avanço da religião muçulmana foi, sem dúvida, o comércio.

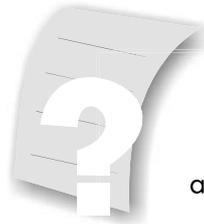
A expansão do islamismo teve importantes consequências para a história do continente. Como vimos na primeira aula, até mesmo as primeiras fontes escritas sobre as sociedades africanas foram produzidas por religiosos e mercadores muçulmanos. Por outro lado, se avançarmos no tempo até meados do século XX, veremos que as ideologias anticoloniais no norte da África sofreram influência da religião islâmica e das conexões com o Oriente Médio, expressas exemplarmente no pan-arabismo, que teve no egípcio Nasser o seu mais aguerrido defensor.

### **Emirado**

Território administrado por um emir, “dignidade” do mundo islâmico associada à ideia de descendência do profeta Maomé.

### **Califado**

Forma islâmica de governo cuja autoridade política máxima é o califa, entendido como um sucessor do profeta Maomé. A noção de califado é associada às ideias de unidade e de liderança política no mundo islâmico.



### **Pan-arabismo**

O pan-arabismo ocorreu no norte da África sob a liderança do Egito, propondo um movimento político centrado na identidade árabe como elemento de resistência perante a cultura ocidental e os colonizadores europeus. Assim, o pan-arabismo baseou-se na construção e na afirmação de uma identidade árabe, envolvendo, acima de tudo, o Oriente Médio e o norte da África.

O surgimento do pan-arabismo, cujo auge ocorreu durante a permanência de Nasser na presidência do Egito (1954-1970), foi possível a partir de um longo processo de recrudescimento da identidade árabe, dos contatos culturais em todo o mundo árabe, sobretudo através da difusão do cinema e da música egípcia dos anos 1950, e das influências ocidentais que, desde o século XIX, marcaram a defesa da modernização das sociedades islâmicas através de reformas na sharia – código de leis do islamismo – ou da adoção de sistemas legais e instituições nos moldes ocidentais.

Fortalecido pela ideia de união dos povos árabes em defesa dos palestinos, no contexto que levaria à criação do Estado de Israel (1948), o pan-arabismo acabou favorecendo a eclosão de projetos nacionalistas independentes, a despeito do surgimento da República Árabe Unida, em 1958, envolvendo o Egito e a Síria. Embora tenha seduzido o Iraque em determinado momento, o projeto de união não encontrou novos adeptos e acabou abandonado em 1961.



**Figura 3.1:** Nasser.

Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Gamal\\_Nasser.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Gamal_Nasser.jpg).

Se todas essas informações demonstram a importância indiscutível do islamismo ao longo da história do continente africano, apontam também a necessidade de um melhor entendimento do avanço do Islã na África. A compreensão desse processo deve levar em conta que a islamização da África foi, ao mesmo tempo, a africanização do Islã, ou seja, a apropriação da fé e de certas instituições islâmicas ao longo de séculos por sociedades muito diversificadas, cujos habitantes sequer se definiam como africanos, já que prevaleciam as identidades étnicas ou regionais. Diferentes sociedades africanas entenderam e apropriaram-se do islamismo a partir do filtro de suas próprias culturas, tornando impossível entender o islamismo na África apenas a partir das leis, doutrinas e práticas corânicas.



---

### Atende ao Objetivo 1

1. Comente a seguinte afirmação: "A islamização da África foi, ao mesmo tempo, a africanização do Islã."

---

---

---

---

---

### *Resposta Comentada*

A islamização da África pode ser entendida como a expansão da religião muçulmana no continente. No entanto, a adoção do islamismo não pode ser descrita como a simples transposição da doutrina e das práticas corânicas, já que os novos muçulmanos possuíam culturas e religiões que não foram completamente apagadas pela conversão. Muitos africanos convertidos mantiveram, de forma extremamente eclética, crenças e ritos de suas antigas religiões. Por esse motivo, a expansão do islamismo na África propiciou diferentes leituras dos textos sagrados e das práticas características da religião muçulmana, gerando vivências diferenciadas da mesma. Se o islamismo foi adaptado, em cada tempo e lugar, às diferentes realidades do continente, podemos dizer que "a islamização da África foi, ao mesmo tempo, a africanização do Islã".

---

O processo de africanização do Islã pode ser mais bem entendido se considerarmos a diferença entre arabização e islamização. Em várias partes do norte da África, a arabização – adoção da língua e da cultura árabe – teria sido mais profunda, sem que isso significasse, evidentemente, a simples transposição das formas sociais e culturais do mundo árabe. Nas costas ocidental e oriental, por sua vez, a expansão do Islã teria ocorrido basicamente em termos religiosos, com a conversão à fé muçulmana, mas sem a adoção da cultura e da língua árabe.



---

### Atende ao Objetivo 2

2. Você diria que islamização e arabização são sinônimos? Justifique sua resposta.

---

---

---

---

---

### *Resposta Comentada*

Arabização e islamização não são sinônimos. Islamização significa conversão à religião muçulmana, enquanto arabização é a adoção da língua e da cultura árabe. A arabização é muitas vezes, mas nem sempre, acompanhada da islamização. A islamização, por sua vez, pode ou não estar inserida em um contexto de arabização. Tal distinção fica mais evidente quando consideramos que muitos árabes não são muçulmanos, e que muitos muçulmanos não são árabes. Podemos sugerir, no entanto, que podem existir diferentes graus de arabização.

### **Império Bizantino**

O Império Bizantino surgiu como uma divisão do Império Romano. Um marco apontado como fundamental na sua formação é a transferência, em 324, da capital do Império da Nicomédia – atualmente conhecida como Izmit, na Turquia –, para Bizâncio – atual Istambul –, que então recebeu o nome de Constantinopla em homenagem ao imperador Constantino I. Outro marco importante é o ano de 395, quando, após a morte do imperador Teodósio I, ocorreu a separação entre o Império Romano do Oriente – ou Império Bizantino – e o Império Romano do Ocidente. Sua capital era caracterizada pela cultura e pela língua grega, e o cristianismo era a religião do Estado. O império existiu por mais de 1.000 anos, entre o século IV e meados do século XIV. Por quase todo esse período, o Império Bizantino foi a mais poderosa força militar, econômica e cultural da Europa, envolvendo-se em numerosas guerras com os persas – da região do atual Irã – e os árabes.



### **O surgimento do islamismo**

O islamismo surgiu na Península Arábica, na atual Arábia Saudita. Seu iniciador e principal difusor teria sido Maomé, nascido em Meca no ano de 570. Aos 40 anos, Maomé teria iniciado a pregação do monoteísmo para os povos árabes, divididos em diferentes sociedades que cultuavam vários deuses. Perseguido, o profeta teria partido para a cidade de Medina no ano de 622, tido como o marco inicial do calendário muçulmano. Em Medina, Maomé teria sido reconhecido como líder religioso, estabelecendo a paz e unificando diferentes povos árabes, além de implantar o monoteísmo. Ao retornar a Meca, Maomé teria difundido a religião muçulmana, que de lá passaria a se expandir pela península Arábica. O islamismo possui dois livros sagrados: o Alcorão, que contém as revelações feitas a Maomé pelo anjo Gabriel, e a Suna, que reúne dizeres e feitos do profeta. Após a morte de Maomé, ocorrida em 632, o islamismo continuaria se difundindo, sobretudo no Oriente Médio e nos continentes africano e asiático.

## **A expansão muçulmana no norte da África (a partir do século VII)**

Os muçulmanos chegaram ao Egito no século VII, vindos da Península Arábica, iniciando um processo de conquista territorial. O Egito era, então, a província mais importante do **Império Bizantino**, cuja capital era Constantinopla, na atual Turquia.

Além de lutarem contra os exércitos bizantinos, os árabes enfrentaram a resistência dos **povos berberes** do norte da África e a presença de judeus e cristãos, já que estes últimos chegaram ao Egito, vindos de Jerusalém, no primeiro século da era cristã. Entre os séculos VIII e X, os árabes avançaram pelas atuais Líbia, Tunísia, Argélia e Marrocos, empreendendo conquistas territoriais e divulgando a língua e a cultura árabe, além da religião islâmica. Por volta do século VIII, o exército muçulmano já contava com um grande contingente de berberes arabizados.



### **O islamismo como religião universal**

Para alguns autores, o islamismo se tornou uma religião universal, capaz de incorporar um grande contingente de populações não árabes, na primeira metade do século VIII, quando o árabe se tornou uma língua culta, vertida para a escrita.

O islamismo foi muito marcado, no seu início, pela absorção de não árabes, gregos e persas conquistados e escravizados, que com o tempo se transformaram em portadores dessa nova cultura e religião. Assim, muitos dos responsáveis pela sua codificação escrita e seus sistemas de leis não eram árabes de origem, o que acabou por dotar os textos islâmicos de um considerável cosmopolitismo, incorporando outras experiências sociais, políticas e religiosas.

### **Povos berberes**

Berbere é a designação genérica para um conjunto de povos originalmente nômades que vivem no norte da África, sobretudo na região do deserto do Saara. Esses povos, entre os quais se incluem, por exemplo, os tuaregues, falavam ou falam diferentes línguas da família afro-asiática, conhecidas como línguas berberes. Alguns povos berberes, no entanto, têm adotado, ao longo dos séculos, a língua árabe, abandonando ou tendendo a abandonar suas línguas originais.



**Figura 3.2:** O Corão, um dos livros sagrados do Islã.

Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Opened\\_Qur%27an.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7b/Opened_Qur%27an.jpg).

Em toda a África, só no norte a islamização envolveu conquista territorial, gerando o surgimento de califados e a independência sucessiva de várias regiões que antes faziam parte do Império Bizantino. A região foi marcada por um processo tanto de islamização quanto de arabização, ainda que, em algumas partes dos atuais Marrocos e Argélia, populações berberes tenham mantido suas línguas e culturas.

Com o passar do tempo, poderes árabes locais, dotados de grandes exércitos de escravos (primeiro berberes e, depois, oriundos da África subsaariana), se tornaram independentes dos poderes sediados no Oriente Médio. O controle das rotas de comércio de ouro teria contribuído decisivamente para esse processo. Entre os séculos X e XIV, várias dinastias se sucederam no norte da África, algumas delas dando origem a “impérios” que unificaram vastas regiões.

Voltemos, no entanto, ao período inicial do islamismo na região (século VII ao século X). Segundo alguns autores, os árabes não obrigavam os povos conquistados à conversão. Em geral, ofereciam cargos administrativos e proteção para, tempos depois, apresentarem a conversão como requisito para a ocupação de novos cargos e a isenção de impostos. Assim, naquele contexto de conquista territorial, a conversão ao islamismo e o domínio da língua árabe passaram a ser elementos importantes para a obtenção de status e de novas alternativas de vida. A conquista e a conversão não tiveram como base apenas a violência.

A difusão do islamismo no norte ocorreu, em geral, das guarnições para os soldados escravos, dos governantes para os funcionários, dos senhores para os serviçais, dos pastores para os agricultores. Por isso, por vezes o processo foi descrito como de simples imposição da fé islâmica. No entanto, a conversão cotidiana foi marcada por práticas religiosas coletivas e simples, como sentar no chão para a oração conjunta e se submeter às mesmas práticas de higiene.

## **A expansão do islamismo no reino da Núbia e no Darfur (a partir do século VII)**

A leste do deserto do Saara, já no deserto da Núbia, também houve um processo de islamização e arabização. Por volta do século VII, existia na região o “reino” da Núbia, que possuía uma pesada máquina administrativa e tinha o cristianismo – introduzido em pequena escala, a partir do Egito, em algum momento do século V – como religião de Estado.

**“Reinos”, “impérios”, “dinastias”**

Expressões cunhadas para a descrição e a análise de realidades europeias, como “reino”, “império” e “dinastia”, foram e continuam sendo utilizadas na escrita e no ensino da História da África. No entanto, tais expressões precisam ser usadas com cautela, pois existem diferenças significativas entre os “reinos” e “impérios” europeus e as formações sociais africanas que recebem essas mesmas designações. Por esse motivo, tais expressões serão usadas, na presente aula, entre aspas. A questão será abordada, com mais profundidade, nas duas próximas aulas.

Após ser islamizado, no decorrer do século VII, o Egito invadiu a Núbia e passou a cobrar tributos anuais em escravos. No final do século X, exigiu a conversão do “reino” ao Islã. As hostilidades foram grandes entre os séculos XII e XIV, com vários momentos de enfrentamento militar. Dessa forma, a islamização do reino da Núbia ocorreu aos poucos, tendo seu ápice na existência de um “rei” muçulmano em 1315.

O processo de islamização da região começou com a aquisição de terras por árabes na fronteira entre o Egito e a Núbia, desde o século VII, e prosseguiu com a transferência de muçulmanos oriundos do Egito para as cidades núbias. Em algumas áreas, os árabes adotaram línguas e costumes núbios e se misturaram às populações às quais impuseram o Islã; em outras, os núbios se arabizaram, adotando a língua, os nomes e até genealogias árabes. Nesse sentido, a Núbia foi marcada por três movimentos, variáveis de uma área para outra: islamização, africanização do Islã e arabização.



### **O reino cristão da Núbia**

No reino cristão da Núbia, muitos mosteiros eram centros de produção agrícola e artesanal e escalas no comércio com o Egito, tendo, portanto, grande importância econômica.

A prosperidade do reino advinha do cultivo de cereais e tâmaras, da criação de gado e do comércio. O “rei” era o proprietário virtual das terras exploradas pelos “camponeses”, que pagavam impostos ao clero.

O reino da Núbia importava cereais, vinho e cevada do Egito, cerâmicas da Pérsia (Irã) e talvez de Bizâncio (Turquia), além de tecidos e objetos de luxo. Exportava ouro, marfim, peles e escravos, cujo comércio se organizou a partir do século VII. Possuía muitas cidades, as maiores com milhares de habitantes.

O “rei”, autoproclamado chefe da Igreja, podia rezar missas e ministrar sacramentos. A sucessão do trono era pela linhagem materna, e várias mulheres ocupavam funções eminentes na cúpula do Estado, como “rainha mãe” ou conselheira, sob a proteção da Virgem Maria. O clero era subordinado ao patriarca de Alexandria, no Egito. Os cultos eram realizados inicialmente em grego, depois em copta (língua antes falada no Egito, hoje usada liturgicamente pela Igreja ortodoxa copta) e, a partir de meados do século X, em núbio antigo.

No sudoeste da Núbia, a região do Darfur se manteve alheia, até o século XIII, às correntes de trocas comerciais e religiosas. Povoado por grupos sedentários e nômades organizados em pequenas unidades políticas, o Darfur conheceu o islamismo através

da migração de criadores de camelos, carneiros e bois, e não de investidas militares. Destas linhagens de imigrantes surgiram as primeiras dinastias a reinar no Darfur, a partir do século XIII.

## **A expansão do islamismo na costa oriental e as conexões com o “mundo indico”**

Na atual Etiópia, onde o cristianismo esteve presente desde o século IV, o islamismo teria chegado por volta de 615, com a imigração de muçulmanos que fugiam das perseguições em Meca. Entretanto, a presença árabe no “reino” cristão de Axum – que existia na região – logo se tornou problemática, em função dos conflitos em torno do controle comercial do mar Vermelho.

No início do século VIII, a esquadra de Axum ocupou um importante porto da Península Arábica, na costa do mar Vermelho. Em represália, os árabes destruíram a esquadra axumita e ocuparam o arquipélago de Dahlak, próximo à Eritreia, que seria transformado num “principado” árabe por volta do século X.

### **Sultanato**

Território controlado por um sultão. A expressão designa governantes muçulmanos que reivindicavam quase total soberania, mas que não definham o grau máximo de poder característico dos califas. Governadores de províncias importantes de um califado, submetidos ao califa, também podiam receber o título de sultões.

**Sultanatos** muçulmanos foram fundados, entre os séculos IX e XII, nos planaltos etíopes a sul do “reino” cristão de Axum, onde viviam sociedades que ignoravam as estruturas estatais. Autoridades políticas hereditárias da região se converteram ao Islã, mesmo que superficialmente, atribuindo-se uma genealogia árabe legitimada por uma política matrimonial que integrava imigrantes muçulmanos. Esses sultanatos, cuja formação esteve relacionada ao comércio e ao surgimento de cidades comerciais, guerreavam frequentemente entre si, embora compartilhassem a hostilidade ao reino cristão.

Os sultanatos muçulmanos dos planaltos etíopes, onde mulheres ocupavam funções de “rainhas” e conselheiras, diferiam muito dos demais estados islâmicos da época, fortalecendo a ideia de que houve, na região, um processo de africanização do Islã.

Após a derrota axumita foi fundado, no século XII, um novo “reino” cristão, governado pela “dinastia” Zagwe, que perdurou até o século XIII. Lembrado pela construção de igrejas escavadas na pedra a muitos metros de profundidade, o “reino” exportava escravos, ouro, marfim e sal, e importava artigos de luxo islâmicos. Esse comércio era controlado por muçulmanos, facilitando a conversão ao islamismo dos povos que viviam ao longo dessa rota comercial. Entretanto, o cristianismo sobreviveu à expansão islâmica na região.

O avanço do islamismo na costa oriental dependeu, basicamente, do comércio. Já no primeiro século da era cristã, mercadores do sul da Arábia e do mar Vermelho frequentavam a costa oriental africana, comprando marfim para exportação (que no século X atingia as atuais Índia e China) e vendendo contas de vidro, cerâmica iraniana, tijolos cozidos e objetos de barro da Arábia. Com o passar do tempo, os produtos levados pelos árabes para a costa oriental vinham de regiões cada vez mais distantes, como os objetos chineses de pedra que provavelmente atravessavam o Golfo Pérsico.

A presença de comerciantes da Península Arábica na costa oriental antecede, portanto, o surgimento da religião muçulmana, ocorrido no século VII. Ainda assim, esse comércio esteve estreitamente relacionado à expansão do islamismo na região, que se evidenciou no arquipélago de Lamu, em frente ao atual Quênia, no século VIII. O avanço desse processo acabou gerando o surgimento de aglomerados populacionais islâmicos na costa oriental, seguindo inclusive padrões arquitetônicos do Oriente Médio.

A partir do início do século XI, a islamização e o comércio na costa oriental se aceleraram, animados pela exportação de ouro do atual Zimbábue, escoado pela costa de Moçambique. O testemunho mais importante da expansão comercial e da islamização foi a criação de uma dinastia muçulmana em Quíloa, na costa da atual Tanzânia, ainda no século XI.

No século XIII, essa dinastia foi derrotada por colonos vindos do lêmén, na Península Arábica. O auge da prosperidade de Quíloa ocorreu no século XIV, com o controle do comércio de ouro do atual Zimbábue. A cidade, que possuía muitos escravos, era visitada sobretudo por muçulmanos estrangeiros.

Desde o final do século XVII, dirigentes de Omã, no Golfo Pérsico, entraram em choque com os portugueses – que já se faziam presentes na região – por tentarem dominar a costa da África Oriental. Em 1785, apoderaram-se de Quíloa; em 1800, criaram uma administração em Zanzibar, arquipélago localizado em frente à atual Tanzânia; nas décadas de 1820 e 1830, colocaram governadores nos portos do litoral; nos anos 1840, fundaram uma capital em Zanzibar, para onde canalizaram o comércio.

No século XIX, as cidades da costa oriental eram cheias de escravos, imigrantes e carregadores das savanas. A cultura da região sofreu, segundo alguns autores, considerável arabização. Para outros estudiosos, entretanto, os árabes foram, acima de tudo, intermediários do comércio, das técnicas e da religião, em um processo que gerou a expansão da fé islâmica sem a adoção da língua árabe (ou seja, islamização sem arabização).

De todo modo, a influência árabe foi decisiva na costa oriental. O casamento de comerciantes árabes com mulheres locais gerou uma população mestiça, falante de uma língua banto repleta de palavras árabes, denominada suaíli.

No decorrer do século XIX, o comércio na costa oriental se tornou mais competitivo e violento, concentrando-se nos escravos e nas armas de fogo. Por outro lado, a matança de elefantes em busca de marfim e a conseqüente escassez desses animais deixaram as populações do entorno das rotas comerciais sem muito o que vender. Como resultado, algumas delas, recorrendo a exércitos de mosqueteiros escravos para conquistarem o poder sobre o território, em especial na atual Tanzânia, passaram a extorquir os comerciantes que seguiam para o litoral. Em fins do século XIX, a África Oriental entrara numa espiral de violência.

A mobilidade e a interação entre povos geraram mudanças culturais, como a expansão do islamismo no interior mais próximo à costa e a adoção da língua suaíli como língua franca, para a comunicação com os comerciantes do litoral. Segundo alguns autores, a insegurança generalizou as acusações de feitiçaria, em especial nas regiões em que as feiticeiras eram vendidas.



### **Acusações de feitiçaria**

Em sociedades africanas “tradicionais”, os acontecimentos eram explicados com referências ao sobrenatural, envolvendo, frequentemente, acusações de feitiçaria. Epidemias, doenças, secas, desastres naturais, dificuldades de engravidar ou o nascimento de crianças deficientes, por exemplo, podiam ser explicados pela ação maléfica de um suposto feiticeiro. Em algumas dessas sociedades, os acusados de feitiçaria eram vendidos. Em outras, eram submetidos a “provas” – como a de atravessar um rio perigoso a nado – que os levavam, não poucas vezes, à morte. A sobrevivência a uma dessas provas representava a inocência do acusado. A morte, a veracidade da acusação.

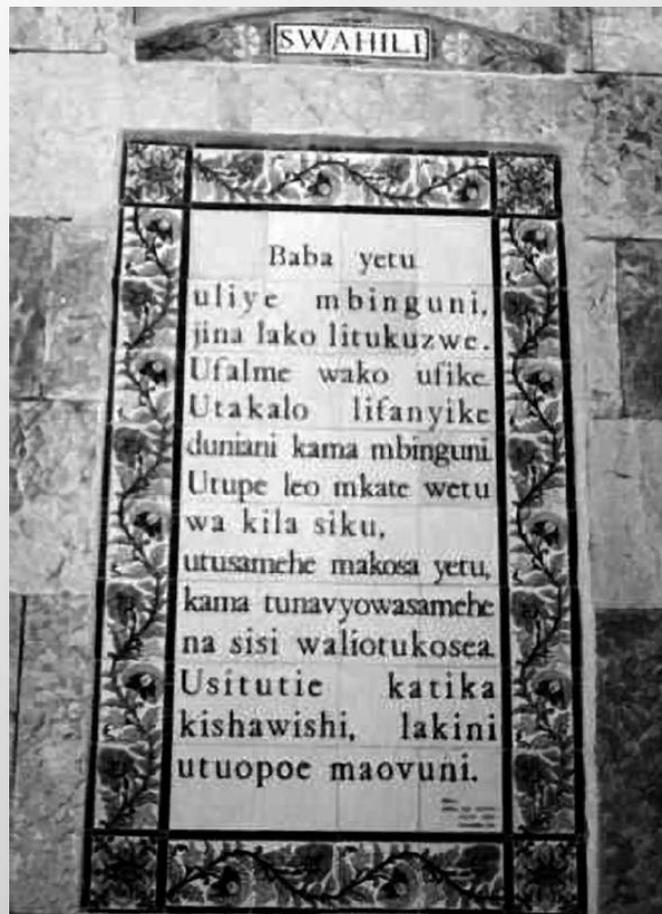
Diferentes povos costeiros misturaram aspectos de suas danças, músicas e religiões “tradicionais”, além de integrarem espíritos árabes e europeus no seu panteão.

Como lembram alguns autores, não existia uma língua suaíli antes do século XIX. Tratava-se, apenas, de um vocábulo banto derivado da palavra árabe *sahel*, que designava *fronteira*. A partir deste sentido inicial, a palavra suaíli passou a significar não um único povo, mas diferentes povos vindos da fronteira ou da costa.



### A língua suaíli

Surgido no século XIX, o suaíli foi inicialmente usado como língua franca nas rotas comerciais da costa oriental. Hoje, essa língua banto é falada em vários países. No Quênia, na Tanzânia e em Uganda, é a língua oficial. No entanto, o idioma também se faz presente na República Democrática do Congo, em áreas urbanas do Burundi e do Ruanda, no sul da Somália, no norte de Moçambique, na Zâmbia, no sul da Etiópia e em algumas comunidades de Madagascar e Comores.



**Figura 3.3:** Inscrição em suaíli.

Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b9/Swahili-pn.jpg>.

## **A expansão do islamismo nas savanas da África Ocidental e o comércio transaariano (a partir do século IX)**

Após a conquista árabe no norte da África, o islamismo se transmitiu, a partir do século IX, às savanas da África Ocidental. Como lá não houve conquista territorial, o agente principal da expansão da religião muçulmana foi o comércio.

A base desse processo foi formada por comerciantes de longa distância, que atravessavam o Saara em grandes caravanas com escravos-soldados que construía entrepostos nas rotas comerciais. Este segmento tendeu a ser, pelo menos desde os séculos X e XI, majoritariamente muçulmano, o que acabou favorecendo a construção de mesquitas e escolas corânicas.

Quando os muçulmanos chegaram às savanas da África Ocidental, encontraram várias cidades e sistemas de comércio regional. A presença islâmica na região esteve, assim, relacionada ao estabelecimento das rotas do comércio transaariano, que ligava o norte às savanas através do Saara. Trilhadas por caravanas de camelos, as rotas transaarianas permitiam o contato entre regiões distantes, chegando a atingir a Península Arábica e o Mediterrâneo.



### **O Sahel**

A região ao sul do Saara é conhecida como Sahel, palavra de origem árabe que designa costa ou fronteira. Tal designação é significativa do papel representado pelo comércio transaariano na ligação entre universos até então distantes, ultrapassando fronteiras.



**Figura 3.4:** O Sahel.

Fonte: [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Map\\_sahel.jpg](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/Map_sahel.jpg).

Se o islamismo chegou às savanas através do comércio, é provável que os mercadores da África Ocidental tenham se convertido primeiro. Suas conversões, embora matizadas pela permanência de crenças politeístas, contribuíam para o estreitamento dos laços com os novos parceiros comerciais vindos do norte. Os dirigentes dos “reinos” da região, por sua vez, se converteram ao islamismo no século XI, em processos diferenciados. A maior resistência à adoção da religião islâmica teria sido sentida entre os agricultores.

O comércio transaariano tinha como base a troca de sal-gema do Saara por ouro e escravos do sul. O sal-gema era extraído por cativos em diferentes partes do Saara e depois transportado, em

pesados blocos, para as savanas. As principais áreas fornecedoras de ouro foram o “império” do Mali, cujo apogeu da produção ocorreu no século XIV, e posteriormente a mina de Akan, na floresta ocidental do atual Gana.

Pelas rotas transaarianas circulavam também outros produtos, como o cobre, extraído das minas de Azelik, no Níger atual, abandonadas no século XV, e as nozes de cola, oriundas das florestas da África Ocidental – sobretudo das atuais Costa do Marfim, Libéria e Serra Leoa. O cobre partia das minas para o sul, na atual Nigéria. As nozes de cola, por sua vez, seguiam para o norte desde o século XIII, onde eram apreciadas pelos muçulmanos como estimulantes, afrodisíacos, símbolos de hospitalidade e adstringentes.

O início do comércio de escravos para as sociedades islâmicas foi uma consequência da realização de *jihads* ou “guerras santas”, voltadas para a conversão de povos considerados infiéis ao islamismo. O comércio de escravos teve estreitas relações com o processo de expansão da religião muçulmana, do Oriente Médio para o norte da África e a Europa Mediterrânea, pois prisioneiros de guerra eram comumente escravizados e vendidos. Por isso mesmo, nem todos os escravos comercializados eram africanos, existindo também cativos oriundos da Europa Ocidental.

Só depois o comércio de escravos para as sociedades islâmicas envolveu a região ao sul do Saara, através da exportação de cativos da África Ocidental pelas rotas transaarianas. Os escravos vendidos para as sociedades islâmicas eram sobretudo mulheres e meninas, destinadas aos haréns. Os homens frequentemente atuavam como administradores e soldados. Cativos também eram empregados na extração de sal-gema, no transporte de mercadorias nas caravanas e na manutenção dos oásis. Portanto, no próprio Saara, e não apenas para além dele.

Além de estreitamente relacionado à expansão religiosa do Islã, o comércio transaariano é fundamental para a compreensão da história de três grandes organizações políticas da África Ocidental,

que alguns autores denominam impérios da curva do Níger: Gana, Mali e Songai. Embora a história desses “impérios” seja assunto da próxima aula, cabe abordar, aqui, como se deu a penetração do islamismo em cada um deles.

## **O “império” do Gana (século VIII ao século XIII)**

O “império” do Gana, que existiu do século VIII ao XIII entre os atuais Mali e Mauritânia, era ligado por uma importante rota comercial à atual Argélia e ao sul do Marrocos, controlando a exportação do ouro das minas de Bambuk, na parte ocidental do atual Mali. As atividades comerciais do “império” do Gana ligavam-se à intermediação entre o norte, que comprava ouro, escravos e marfim, e o sul, que adquiria sal, tecidos de lã e algodão, figos, tâmaras e peças de cobre. Controlando essa rota e cobrando pedágios, o imperador do Gana armazenava ouro e evitava a sua desvalorização.

O “império” do Gana ficava numa região onde viviam pastores berberes, que conduziam carneiros e bois, e agricultores negros. Seus dirigentes eram do povo soninquê e seus domínios cobriam a maior parte dos territórios habitados por esse povo. O “imperador” cultuava diferentes deuses, assim como seus súditos. Apesar disso, os muçulmanos circulavam livremente pelo “império”, tornando-se, com o passar do tempo, intérpretes, tesoureiros e ministros.

A capital do “império” continha duas aglomerações: uma dos muçulmanos e outra dos não muçulmanos. Entre elas, uma área de floresta abrigava as residências dos sacerdotes e os locais de culto, bem como as sepulturas imperiais.

Por volta de 1030, um estudioso muçulmano, recém-chegado à atual Mauritânia, teria se impressionado com o desconhecimento das leis islâmicas, dando início, cerca de doze anos depois, a uma jihad que acabou conhecida como expansão Almorávida. Além de atingir o “império” do Gana, a expansão Almorávida abrangeu

o sul de Portugal e Granada e Sevilha, na Espanha, onde obteve apoio dos árabes lá radicados, que sofriam as primeiras derrotas dos cristãos.

Embora alguns autores privilegiem a guerra para explicar o avanço Almorávida e a expansão do islamismo na curva do Níger, outros afirmam que esse processo foi muito mais dependente do comércio do que das manobras militares. De todo modo, a empresa Almorávida deixou importantes marcas no Sahel, islamizando grande parte da população do norte da África Ocidental, sobretudo os soninquês.

Embora tenha sobrevivido à expansão Almorávida, o “império” do Gana começou a se desagregar em pequenos “reinos” por volta do século XIII. Desencadeado por um conflito de sucessão que instalou a discórdia entre as principais lideranças, esse processo foi agravado pela insurgência de poderes locais contra os crescentes impostos cobrados pelo “imperador”.

## **O “império” do Mali (século XIII ao século XVI)**

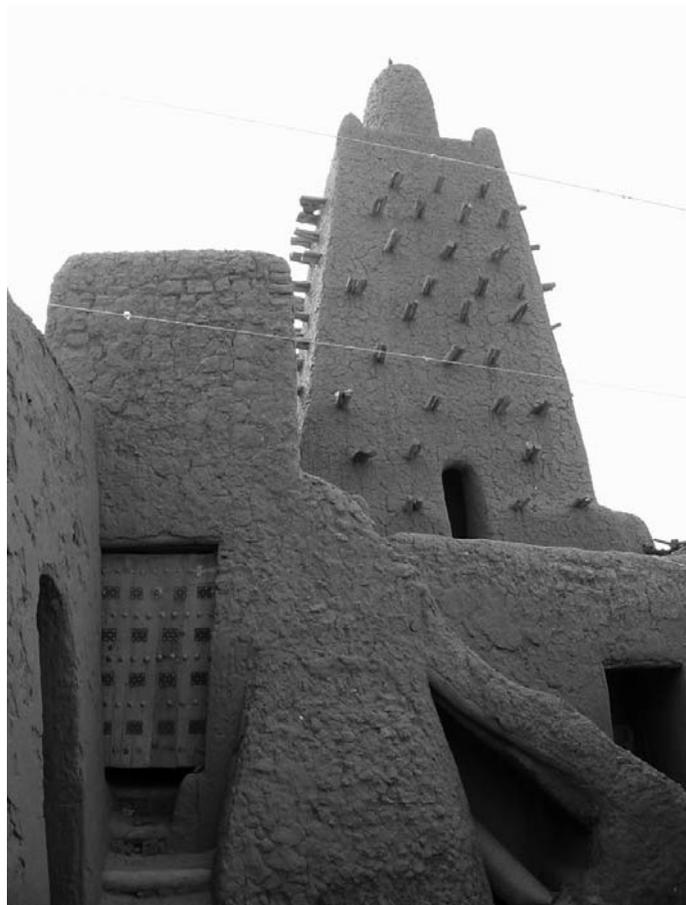
Após a desagregação do “império” do Gana foi fundado, um pouco mais a sul, o “império” do Mali, que se desenvolveu através do controle do acesso ao ouro e aos africanos que seriam escravizados.

Ao contrário do que ocorreu no “império” do Gana, as elites dirigentes do Mali cedo se converteram ao islamismo, transformando-o em religião oficial. Apesar disso, a religião muçulmana era pouco difundida, já que os agricultores continuaram praticando as religiões ditas tradicionais, toleradas pelas autoridades “imperiais”.

Os exércitos do “império” do Mali eram compostos por escravos não muçulmanos, dificultando a expansão da religião. Mesmo nas cerimônias religiosas islâmicas imiscuíam-se *griots* que recitavam textos “tradicionais” vinculando o “imperador” aos ancestrais do povo e da terra.

O “império” do Mali mantinha contatos, desde pelo menos o século XIV, com o sultão do Egito, os muçulmanos do Marrocos e alguns reinos da Europa, sendo inclusive reconhecido pelos Atlas europeus da época.

No início do século XIV, Mansa Musa, o “imperador” do Mali, trouxe consigo, no retorno de uma viagem a Meca, alguns estudiosos do Islã. Entre eles estava Al Sahili, que construiu as mesquitas de Tombuctu e Gaô, empregando tijolos pela primeira vez na região. Cidades como Tombuctu e Jenne, que já existiam anteriormente, ganharam novas formas de urbanização, com prédios públicos e mesquitas, além de escolas islâmicas.



**Figura 3.5:** Mesquita de Djingareyber, construída em barro em 1325 em Tombuctu, no atual Mali.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tombuctu>.

Para alguns autores, os segredos da legitimidade e da extensão territorial do Mali eram a sua flexibilidade religiosa, o sistema de controle indireto das províncias, através da cobrança de impostos, a expansão de uma rede de segurança e o estabelecimento de regras judiciais gerais.

No século XV, o “império” do Mali sofreria um processo de desagregação, acelerado pela expansão do estado Songai para áreas que antes lhe pertenciam.

## **O “império” Songai (século XV ao século XVI)**

O “império” Songai existiu, como grande organização política, desde o início do século XV. No entanto, na cidade de Gao já existia, no século XI, um pequeno estado Songai, em processo de conversão ao islamismo, que no século XIV passaria a ser tributado pelo “império” do Mali.

Como vimos, foi no século XV, em meio à desagregação do Mali, que Songai se expandiu em direção a áreas daquele antigo “império”.

Em meados do século XV, o “imperador” de Songai era, como outros dirigentes da África Ocidental, um muçulmano que orava na mesquita mas praticava os ritos dos antepassados; que ouvia os letrados sobre o Alcorão e consultava os oráculos e os “sacerdotes” da terra; que procurava se legitimar pelo Islã junto às populações cosmopolitas das cidades, e pelas crenças “tradicionais” junto aos habitantes das aldeias. Em função de seu ecletismo religioso, o “imperador” sofria a animosidade da elite muçulmana de Tombuctu, que se aproximava, em seu fundamentalismo, de tuaregues do deserto.

Na segunda metade do século XV, um chefe militar se levantou contra o “imperador” de Songai e tomou o poder. A guerra, que levou ao golpe de estado, pode ter sido motivada por questões religiosas – assumindo o caráter de *jihad* – ou por conflitos de base étnica. De todo modo, este chefe militar justificou o golpe através da ideia da defesa do Islã.

Desde então, o islamismo se tornou o culto imperial e Songai adotou a *sharia* – código de leis do mundo islâmico, baseado, principalmente, no Alcorão e na Suna – buscando atrair clérigos e legisladores muçulmanos. Embora o islamismo tenha se espalhado bastante, permaneceu nas cidades, sem alcançar as zonas rurais. Alguns muçulmanos de Songai atuavam como administradores, enquanto outros se destacaram na elaboração de um sistema de pesos e medidas.

O “império” Songai se expandiu muito, controlando as principais cidades comerciais das rotas transaarianas. Seu apogeu ocorreria na segunda metade do século XV, devido ao comércio de ouro e à agricultura escravista. Seu declínio, iniciado em princípios do século XVI, se completaria no final da centúria com o ataque do sultão do Marrocos, que pretendia controlar o comércio de ouro e escravos.

## **A expansão do islamismo entre os povos haussás**

Antes do século XIV, os dirigentes muçulmanos do estado de Kanem, localizado entre o noroeste da Nigéria e o Chade atual, já possuíam um senso agudo de superioridade cultural associado à identidade de guardiões do islamismo entre povos “infiéis”. Assim, avançaram para o norte da Nigéria, levando o islamismo aos povos haussás e desenvolvendo entre eles as práticas comerciais e o sistema sarauta. Este último, que surgiu no século XVII, consistia na integração de pequenos estados em “reinos”, com a construção de capitais amuralhadas e a escravização sistemática de falantes de outras línguas. Esses novos “reinos”, cujos segmentos dominantes eram muçulmanos embora mantivessem práticas religiosas “tradicionais”, viviam em guerra quase permanente. Outra característica marcante era a importância das cidades, que controlavam as zonas rurais.

O islamismo se difundiu com espetacular rapidez entre os haussás e nas zonas vizinhas, em um processo favorecido pela prosperidade econômica da região nos séculos XVII e XVIII.

No início do século XIX, os dirigentes dos estados haussás, acusados de venerar ídolos e fazer sacrifícios, sofreram várias *jihads*, que acabaram levando à formação do califado de Sokoto. Em Sokoto, a capital do califado, a *sharia* (lei islâmica) era administrada por magistrados religiosos. O árabe era a língua dos eruditos e dos diplomatas, embora a cultura predominante e a língua da corte fossem haussá.

Ao longo dos oitocentos, em função da ocorrência de outras *jihads*, o califado de Sokoto sofreu um processo de descentralização, com a formação de emirados locais. Apesar disso, o califado sobreviveu através do registro, por escrito, dos deveres dos trinta emires que chefiavam as suas diversas unidades.

Por volta de 1900, quase todos os habitantes livres do califado eram muçulmanos, e a região haussá tinha se tornado um importante centro cultural, dotado de um sistema de ensino que, no entanto, excluía as mulheres. Ao mesmo tempo, as mulheres aristocratas passaram a viver em reclusão. A medicina “tradicional”, que recorria ao poder mágico ou espiritual, tendeu a ser substituída por práticas semelhantes de origem islâmica, mas sobreviveu em áreas rurais e entre as mulheres das cidades, que participavam de um culto que envolvia dança e possessão na cura de doenças femininas. Os chefes islâmicos toleravam essas práticas mas as evitavam.

No califado, os ataques anuais de cavaleiros aos povos “infieis” vizinhos favoreciam o aprisionamento e a escravização, tornando os cativos consideravelmente baratos. Agrupados em aldeias de “nobres” ou comerciantes, os escravos viviam em família, com seus próprios lotes de terra, mas também trabalhavam em terreno comunitário cujo produto pertencia ao senhor, que vivia na cidade. Além disso, podiam ser carregadores, artesãos, comerciantes e criados domésticos. Muitas escravas tornavam-se concubinas de seus senhores.

Alguns escravos do califado eram “de ganho”, ou seja, vendiam sua força de trabalho a terceiros e pagavam aos senhores

uma parte dos rendimentos. Em Sokoto, havia proximidade cultural entre escravos e senhores e maior facilidade de fuga. Aos escravos era atribuído valor como dependentes e seguidores, e não apenas como trabalhadores. Além disso, a lei islâmica garantia aos cativos alguns direitos, como a alforria de filhos de escravas com homens livres. Apesar dessas características, a escravidão em Sokoto envolvia castigos corporais e profissionais especializados em aprisionar escravos e capturar fugidos.

Ocorreram mais duas *jihads* no século XIX, ambas na parte ocidental da savana. Em 1818, no delta interior do rio Níger, também na atual Nigéria, um clérigo do povo fulbe conquistou adeptos muçulmanos contra as autoridades e fundou, através de uma *jihad*, um califado teocrático, governado por um conselho de quarenta clérigos que cobravam impostos corânicos. Além de obrigarem os pastores fulbe à sedentarização, as autoridades do califado baniram a dança, o tabaco e os tecidos mais ricos, procurando impor o islamismo aos povos vizinhos.

Já em 1852, os tukolor e os fulbe que viviam no vale do Senegal, na atual Mauritânia, buscaram combater, através de uma *jihad*, os “reinos” dos povos bambara da região do Mali. Embora islamizados, os “reinos” bambara eram ecléticos, mantendo aspectos das religiões ditas tradicionais e sendo considerados pelos muçulmanos mais ortodoxos os últimos grandes estados pagãos da savana. As capitais dos “reinos” bambara foram sendo conquistadas entre meados dos anos 1850 e o início dos anos 1860. Um estado islâmico foi fundado em Kaarta, na parte ocidental do atual Mali, mas não conseguiu estabilizar os territórios conquistados em função da resistência dos bambara. A guerra continuou até a conquista da região pela França, na década de 1890.



### **Jihad e escravidão**

As *jihads* ou “guerras santas” opondo estados islâmicos a povos pagãos, mesmo quando esses últimos possuíam governantes nominalmente muçulmanos, foram as principais formas de escravização em certas áreas da África Ocidental nos séculos XVII, XVIII e mesmo no século XIX.

## **As novas conversões**

A expansão do islamismo prosseguiu no continente africano, inclusive após a chegada dos europeus, e continua a conquistar novos adeptos no presente. Para alguns autores, a desagregação social decorrente da conquista europeia estimulou o avanço da religião muçulmana no século XX, provocando conversões em massa na Nigéria, no Senegal, na África Central e Oriental. No início, a fé islâmica teria sido adotada através do ecletismo, identificando-se os espíritos menores das crenças “tradicionais” com os gênios demoníacos (*jinn*) do islamismo.

Para atrair fiéis, os muçulmanos privilegiavam a adivinhação e a magia protetora. Entretanto, a insistência na leitura do Alcorão acabou estimulando, em algumas partes, a criação de escolas islâmicas independentes que em alguns casos formaram, no século XX, futuros nacionalistas.



atuais Índia e China) e vendendo contas de vidro, cerâmica iraniana, tijolos cozidos e objetos de barro da Arábia. Com o passar do tempo, os produtos levados pelos árabes para a costa oriental vinham de regiões cada vez mais distantes, como os objetos chineses de pedra que provavelmente atravessavam o Golfo Pérsico.

Assim, o islamismo chegou à costa oriental, através do comércio, ainda no século VII, pouco depois do seu surgimento. O casamento de comerciantes árabes com mulheres locais gerou uma população mestiça, dotada de uma cultura híbrida que a partir do século XIX se caracterizou pelo surgimento do suaíli, uma língua banto repleta de palavras árabes. Inicialmente usado como língua franca nas rotas comerciais da costa oriental, o suaíli é hoje falado em vários países. No Quênia, na Tanzânia e em Uganda, é a língua oficial. No entanto, também se faz presente na República Democrática do Congo, em áreas urbanas do Burundi e do Ruanda, no sul da Somália, no norte de Moçambique, na Zâmbia, no sul da Etiópia e em algumas comunidades de Madagascar e Comores.

A penetração do islamismo na parte ocidental da África Subsaariana, ocorrida a partir do século IX, não foi acompanhada de conquista territorial. Nesse caso, o principal vetor de penetração da religião muçulmana foi o comércio transaariano, que ligava o norte às savanas através do Saara, chegando a atingir a Península Arábica e o Mediterrâneo. Tal comércio, que tinha como base a troca de sal-gema do Saara por ouro e escravos do sul, acabou dinamizando o processo de conversão de povos “pagãos” ao islamismo, que teve diferentes ritmos em cada aldeia, cidade, “reino” ou “império”.

---

## CONCLUSÃO

No norte da África, a expansão do islamismo envolveu conquistas territoriais, promovendo, ainda, considerável arabização. Nas savanas da África Ocidental, o comércio foi o principal vetor da islamização, que não foi acompanhada, na maioria dos casos, de uma arabização mais profunda. Também na costa oriental, a religião muçulmana se disseminou através do comércio. Embora tenha havido, na costa oriental, mais islamização que arabização, a formação

da cultura suaíli pode ser apontada como exemplo de adoção de aspectos da língua e da cultura árabe, mesclados às línguas e culturas autóctones. Em todos os casos, a islamização foi acompanhada, necessariamente, de um processo de africanização do Islã.

## *Atividade Final*

---

### **Atende aos Objetivos 1, 2 e 3**

Diferencie os processos de expansão do islamismo nas diversas regiões do continente, tendo em vista as ideias de islamização da África, africanização do Islã e arabização.

---

---

---

---

---

### *Resposta Comentada*

No norte da África, a expansão do islamismo envolveu conquistas territoriais, promovendo, ainda, considerável arabização. Nas savanas da África Ocidental, o comércio foi o principal vetor da islamização, que não foi acompanhada, na maioria dos casos, de uma arabização mais profunda. Também na costa oriental, a religião muçulmana se disseminou através do comércio. Embora tenha havido, na costa oriental, mais islamização que arabização, a formação da cultura suaíli pode ser apontada como exemplo de adoção de aspectos da língua e da cultura árabe, mesclados às línguas e culturas autóctones. Em todos os casos, a islamização foi acompanhada, necessariamente, de um processo de africanização do Islã.

---